

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XVI*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1977

repertório que dia a dia se nos muestra más rico». Tal limitação não diminui, porém, o valor da iniciativa.

Além da comodidade que proporciona a quem busca paralelos, excedendo já muito a obra basilar de Mezquiriz, o presente trabalho permite uma fácil comparação dos diversos motivos a qual conduz inevitavelmente à intuição de estilos ou formas de expressão que bem podem corresponder a outros tantos centros de fabrico e oferece-nos uma série de considerações e observações críticas que ajudam a abrir caminho à visão de conjunto por que todos esperamos.

Justa e a reter — para que se evitem considerações inúteis e viciadas, mas nem por isso menos frequentes, a afirmação de que a produção hispânica dispunha no seu conjunto de um repertório de punções relativamente reduzido e empregava com frequência o desenho à mão livre nos próprios moldes o que — tenhamos disso consciência — torna bem mais complexo, se não por vezes impossível, do que nas «sigillatas» gálicas, o problema da filiação; as semelhanças esporadicamente observadas entre motivos ou esquemas da produção hispânica com os de vasos fabricados nas Gálias central e oriental deverão ser apenas encaradas como coincidências puras ou provocadas pela força igualitária das modas ou pela fonte de inspiração comum que efectivamente existiu.

Discordamos da valorização atribuída (p. 53 e nota 76) ao repertório figurativo de Bronchales. Se aparece importante pela quantidade de elementos que indiscutivelmente lhe pertencem, afigura-se-nos menos importante pela qualidade e pela difusão do seu estilo caracterizado por um certo infantilismo — que a abundância de pormenores não põe em causa — muito típico e persistente. Pelo contrário, observa-se em motivos doutras proveniências uma simplificação, elegância e domínio do traço que denotam maior qualidade artística e a existência de uma mesma origem; nas condições actuais dos conhecimentos é-se tentado a pensar em Tricio.

Esperemos que a autora prossiga na sua meritória tarefa; os temas puramente geométricos são de entre todos os mais complexos e árduos, mas não menos ricos de consequências: o seu tratamento aprofundado vai levar certamente à necessidade de rever algumas ideias geralmente aceites e repetidas sem contestação no que respeita à sucessão dos grandes esquemas decorativos e sua cronologia.

ADÍLIA ALARCÃO

COLETTE BÉMONT, *Monies de gobelets ornés de la Gaule Centrale au Musèe des Antiquités Nationales*, XXXIII<sup>e</sup> Supplément à «Gallia», Paris, 1977; 253 p. ilust. + XL est.

Com uma ilustração impecável, ordenada com um gosto pouco frequente na literatura arqueológica francesa, a presente obra surge como um dos suplementos da «Gália» mais bem concebido e impresso. Para esse sucesso

deve ter contribuído directamente a Autora, cujo nome está justamente a firmar-se como excelente investigadora das *rei cretariae romanae*. O tema é original e bem justificado: normalmente, os especialistas interessam-se pelos moldes de vasos para deles extrair a decoração que suportam e que lhes permite, tal como os vasos, definir estilos; não atendem, porém, à sua forma nem à diversidade dos seus fabricos, nem às suas relações com os vasos neles moldados, perdendo assim informações de ordem tecnológica muito apreciáveis. Além disso, a qualidade das decorações é muito melhor que a dos vasos correspondentes e os moldes oferecem um campo de investigação epigráfica que ninguém até agora valorizou.

O material estudado compreende cerca de 290 peças, moldes e fragmentos de moldes para o fabrico de pequenos vasos troncocónicos ou ovoides fabricados entre Trajano e Marco Aurélio, na Gália Central. Numa introdução bem desenvolvida estuda a autora as marcas e grafitos, apresentando, a propósito, uma síntese dos vasos publicados e expõe os problemas levantados pela análise das decorações e dos próprios moldes. Segue-se o estudo analítico, verdadeiramente exaustivo, de cada molde acompanhado da representação gráfica dos punções que exhibe.

Apesar dos seus méritos, a obra não tem interesse para os arqueólogos portugueses, dado que esta produção não foi exportada para o nosso território e o seu estudo não tem implicações com outros fabricos conhecidos entre nós.

ADÍLIA ALARCÃO

MARCEL LUTZ, *La Sigillée de Boucheporn (Moselle)*, XXXII Supplément à «Gallia», Paris, 1977; 200 p. ilustr. + 23 est.

Datam de 1958 os primeiros testemunhos da existência de oficinas produtoras de sigillata em Boucheporn, a 30 Kms. de Metz. Escavadas a partir de 1963 sob a direcção de J.-J. Hatt, foram sendo dadas a conhecer ao público por diversas comunicações, algumas das quais assinadas pelo autor da monografia agora publicada. O cuidado posto na sua preparação, aliado à experiência que M. Lutz possuía das restantes produções da Gália de Leste e das oficinas arvernas, permitiram realizar uma excelente obra cuja importância não se confina em Boucheporn, antes se estende a toda a produção gálica.

Com os seus vinte e nove fornos já descobertos e uma extensa e variada produção, este centro tem de ser considerado um dos mais importantes da Gália oriental; além disso, deve ser encarado como pioneiro: as formas dos vasos e as decorações situam o início desta actividade no reinado de Cláudio, talvez mesmo ainda sob Tibério e denunciam uma influência directa e quase exclusiva dos produtos da Gália do sul, aliás confirmada por alguns fragmentos importados e pela presença de onze oleiros oriundos das oficinas rutenas. A influência arverna não demorou, contudo, a fazer-se sentir, derrotando por completo a primeira, logo que o novo centro se lançou a produzir vasos decorados, ou seja, no reinado de Nero. Desde essa data até fins do séc. II, a sigillata